

## O Sequestro da Identidade de Solomon Northup em ‘12 Anos de Escravidão’<sup>1</sup>

Maryellen Crisóstomo de ALMEIDA<sup>2</sup>

Liana Vidigal ROCHA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

### Resumo

Exilado da liberdade, Solomon Northup foi sequestrado em 1841 em Washington, vendido como escravo e assim vive por 12 anos no sul dos Estados Unidos. Desde então, Northup passa a viver como Platt porque naquele contexto, negros não poderiam ser livres. Solomon jamais permaneceria vivo se insistisse em dizer que era um Cidadão livre. Ciente disso, Northup sequestra a si mesmo. Refugia-se em sua memória na esperança de conquistar o regresso a liberdade. Na condição de escravo Northup soube que Platt lhe era útil, mas, nunca confundiu a sua identidade. Com a personalidade ameaçada, até quando ele suportaria? Este artigo faz uma análise da narrativa subjetiva do longa-metragem, “12 Anos de Escravidão” (12 Years as a Slave, Steve McQueen, EUA, 2013), sobre o sequestro da identidade de Solomon Northup.

**Palavras-chave:** Identidade pessoal; cinema; escravidão.

### Introdução

Identidade é o que define uma pessoa e o que a faz se reconhecer como tal, reconhecer-se humano. Mas quando alguém perde o direito de ser, como fica sua definição? A história das Américas foi construída, em vários pontos de sua trajetória, sobre o anonimato de milhões de pessoas que, pela imposição da “lei do mais forte”, perderam o direito à identidade cultural, de cidadania, de existência. A escravidão foi (e, podemos dizer, ainda é) uma fonte importante dessa usurpação, sob o argumento da conquista das riquezas territoriais. Muitos países americanos comungam desse mesmo passado de desumanizar os nativos indígenas e os negros trazidos da África.

De todas as formas de agressão a eles aplicadas, forçá-los a negar sua identidade foi uma das maneiras mais brutais de se relacionar com o outro. Assumir a si mesmo, na

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFT, email: maryellen.csj@outlook.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho: Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, jornalista diplomada, professora-adjunta do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins (UFT-Palmas). Líder do Grupo de Pesquisa jornalismo e Multimídia, do CNPq. E-mail: lividigal@uol.com.br

maioria das vezes chegava a custar-lhes a vida. Foi assim com os primeiros escravos e boa parte dos que sobreviveram ensinaram aos mais novos a praticar o silêncio necessário como garantia de vida. Porém, o desejo de liberdade nunca lhes fora tirado e, desde o mais submisso ao mais subversivo o sonho era o mesmo: a fuga do peso que era viver para servir.

A Historiografia traz o desafio de nos contar em que está ancorado o nosso passado americano. São relatos complexos que buscam elucidar como foram estabelecidas as relações socioeconômicas de uma época em que as pessoas eram determinadas primeiramente pela cor da pele. Essa escrita da História vai encontrar importante suporte, para além dos textos acadêmicos tradicionais da área, nos registros artísticos / ficcionais, tais como a literatura, o teatro e o cinema (ROSENSTONE, 2010).

O longa-metragem “12 Anos de Escravidão” (12 Years as a Slave, Steve McQueen, EUA, 2013), objeto deste artigo, é apenas um dos mais expressivos casos recentes dessa linha a auxiliar a Historiografia. Trata-se da adaptação da autobiografia de Solomon Northup, um cidadão livre do estado de Nova York que foi sequestrado em 1841, vendido como escravo e assim viveu por 12 anos, até ser resgatado em 1853. Obrigado a negar que era um homem livre, Northup logo descobriu que para continuar vivo deveria não revelar a sua identidade. Durante 12 anos, atende pelo nome de Platt. Para Solomon Northup continuar a existir, naquela realidade, foi mais seguro sequestrar a si mesmo.

### **A imagem da escravidão norte americana na narrativa cinematográfica**



Figura 1 print da cena do filme: 13 min 38 s

Desde o seu início, o cinema mostrou sua vocação para difusão das narrativas. Composto por áudio e imagens surpreendentes em movimento (antigo sonho da

Humanidade), ele tornou-se mais sedutor do que os meios tradicionais como impressos – livros, revistas e etc.. Por outro lado, durante muito tempo, sobretudo no seu início, o acesso à plataforma cinematográfica era limitada devido a muitos fatores, entre eles, o custo da produção e os poucos aparelhos de transmissão, o mais importante.

A narrativa cinematográfica permite-nos uma percepção diferenciada da historiografia da construção de uma nação, embora não se possa desconhecer a importância e a tradição literárias. Esta relação, inclusive, costuma gerar extensos impasses e debates acerca da fidelidade e da contundência da interpretação de uma adaptação audiovisual sobre material original literário.

Conforme Lima e Silva (*apud* RODRIGUES, 2011), a imagem é

Uma combinação de luzes, penumbras e sombras que, em frações de segundos, se transforma num elemento visível e interpretável. Protagonista de incontáveis feitos científicos, artísticos, religiosos, psicológicos e afetivos do homem, é utilizada para captar, emocional, documental e plasticamente, a rotina de sociedades de origem e histórias diversas.

O cinema é uma sequência de fotografias em movimento veloz. Para que seja possível a compreensão das imagens em sequência, vale ressaltar as informações que devem estar contidas na construção da destas. Costa (*apud* RODRIGUES, 2011) traz as seguintes definições:

1. **Informações técnicas:** são as informações que nos permitem distinguir uma foto colorida de outra em branco e preto. Quanto mais conhecemos a respeito do processo fotográfico, mais dados técnicos somos capazes de perceber ou obter;
2. **Informações visuais:** são aquelas que dizem respeito à configuração da imagem, ou, seja, como ela foi concebida e os critérios estéticos utilizados. Nesse conjunto de dados está a identificação do fotógrafo e da maneira como ele organizou [no cinema, o diretor de fotografia] os elementos plásticos da imagem: qual o recorte que ele deu à cena, o que colocou ao centro, como utilizou a iluminação.
3. **Informações textuais:** são aquelas que obtemos do assunto e da forma como é tratado.
4. **Informações contextuais:** são as informações que dizem respeito a tudo aquilo que se abre sobre as razões e intenções do fotógrafo ao criar a fotografia.

A evolução do cinema trouxe para a contemporaneidade, ao mesmo tempo, a explosão dos valores de produção, com os *blockbusters* milionários, e a diminuição da despesa de produção, com a disseminação de tecnologias de audiovisuais mais acessíveis. Tudo isso se deve aos avanços tecnológicos: barateamento das câmeras filmadoras e a popularização da internet – que disponibiliza sítios como o Youtube.

Nessa longa trajetória da História contada na tela, a retratação da escravidão norte-americana em filmes – até o lançamento de “12 anos de escravidão” – focara, em geral, em

situações nas quais os negros estiveram submetidos – milhares de pessoas trabalhando em condições subumanas no plantio de cana, algodão, na construção civil e em tantos outros trabalhos exaustivos – e nunca sob o ponto de vista de quem vivia o sofrimento.

Listemos algumas narrativas cinematográficas clássicas como exemplo de abordagem da escravidão norte-americana, antes de “12 anos de escravidão”.

“**Três homens em conflito**” (The good, the bad and the ugly, Sergio Leone, 1966) - narra o conflito entre os estados do norte – mais desenvolvidos em questões industriais e que deram os primeiros passos para a abolição da escravidão – e os estados sulistas – ruralistas e escravocratas.

Conhecida como a Guerra da Secessão, a desordem iniciou em abril de 1861 quando o Presidente Abraham Lincoln assumiu o governo com a pretensão de abolir a escravidão nos Estados Unidos. A escravidão é vista como uma das causas entre os fatores que desencadearam a guerra, uma vez que os estados do sul queriam que prevalecesse a escravidão, enquanto os estados do norte, liderados por Lincoln, queriam a abolição.

Conforme Burd (2012):

Enquanto o norte era liderado por Lincoln, o presidente confederado era Jefferson Davis. A guerra começou em 12 de abril de 1861 e terminou em 18 de abril de 1865, quando o general confederado Joseph Johnston se rendeu. O norte havia ganhado o conflito. Ao fim da guerra, ainda contabilizou outra morte: a do presidente Abraham Lincoln, assinado por um sulista.

“**Malcolm X**” (Spike Lee, 1992) - é uma adaptação da biografia de Malcolm Little. Um negro pertencente à sociedade norte americana do século XX que apesar de já não haver escravidão – como do século XIX- predomina-se a segregação racial, resquício dos séculos anteriores. A narrativa evidencia a luta de Malcolm pela fraternidade racial.

Mr. Lee trata da Nação do Islã e seus ensinamentos separatistas negros a sério e, com a mesma seriedade, a desilusão de Malcolm quando o gosto de Elijah Muhammad para muitos jovens secretários é revelado. Quando, depois de sua separação da Nação do Islã, Malcolm continua sua peregrinação a Meca, o filme celebra sua nova visão sobre a fraternidade racial, o que torna o seu assassinato ainda mais triste<sup>4</sup> (CANBY, 1992)

A segregação racial no norte da América é fruto de uma sociedade outrora dividida entre homens brancos livres e negros escravos. Uns com todos os privilégios e os outros as margens de quaisquer regalias.

---

<sup>4</sup> “Mr. Lee treats the Nation of Islam and its black separatist teachings seriously and, just as seriously, Malcolm's disillusionment when Elijah Muhammad's fondness for pretty young secretaries is revealed. When, after his split from the Nation of Islam, Malcolm goes on his pilgrimage to Mecca, the film celebrates his new insight into racial brotherhood, which makes his assassination all the more sorrowful.”

## Identidade *versus* Sobrevivência

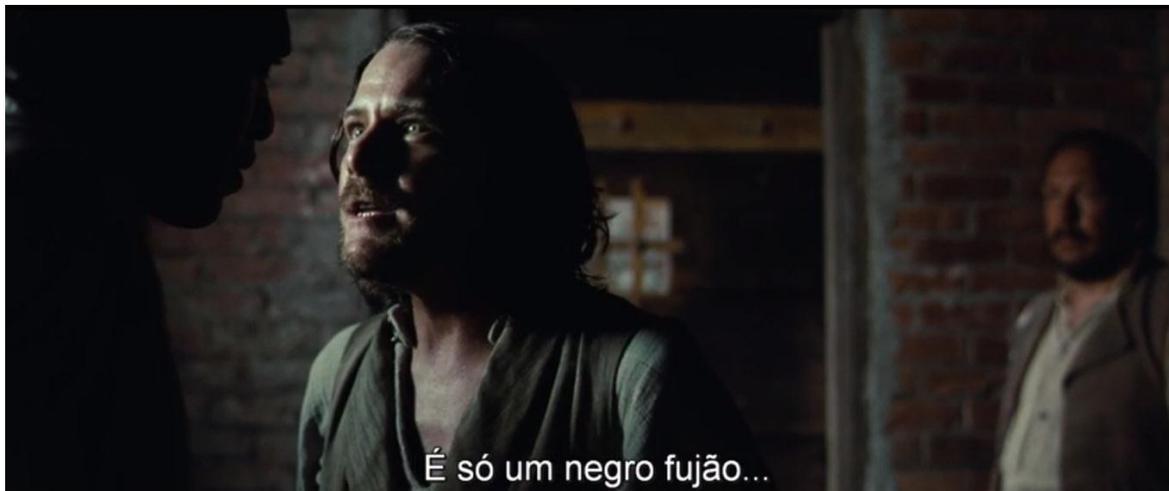


Figura 2 print da cena do filme: 14 min 00 s

A identidade é construída pelo conjunto de experiências vivenciadas por uma pessoa. Essas construções servem como base para garantir a perda da essência quando esta se encontra em momentos distintos sem que haja grandes interferências na identidade pessoal. Viana (2010, p. 270) se refere, com base na filosofia, a continuidade da identidade:

Se a noção de identidade é difícil de clarificar, o mesmo ocorre com a de continuidade. Em geral, não temos problemas práticos para inferir que houve continuidade. Mas, se nos pedem para justificar como sabemos que já não é mais uma mesma pessoa, porém mudada que continuou, mas sim uma nova pessoa, é muito difícil dar uma pronta explicação sem acabar recorrendo à permanência de algum elemento em particular (e, assim, retornar a uma concepção de identidade baseada na substancialidade)

Para sobreviver Solomon Northup, em “12 anos de escravidão”, sentiu a necessidade de negar a sua identidade para assumir a realidade que lhe fora imposta. Assumir a identidade de Platt foi uma lacuna entre o Solomon que existia até 1841 e o Solomon que voltara a existir em 1853 quando regressou a liberdade. Nesse intervalo abrevia-se o verdadeiro Northup.



Figura 3 print da cena do filme: 28 min 24s

O filósofo inglês John Locke (*apud* SACRAMENTO, s.d.), ao fazer uma abordagem profunda acerca da identidade, revela que entre as suas inquietações está o seguinte questionamento: “o que é que faz com que uma pessoa, não obstante a sua alteração física e psicológica constantes continue, a ser a *mesma* pessoa ao longo da passagem do tempo e das consequentes alterações dos seus predicados?”.

Segundo Sacramento (s.d.):

Portanto, o critério espacio-temporal nada nos diz em concreto mas sim algo que nos parece óbvio, isto é, que o espaço e o tempo nos individualizam materialmente. O filósofo inglês quer achar *aquilo* que faz com que um determinado ser particular seja *o mesmo* após as sucessivas mudanças das suas diversas partes e para isso começa a sua investigação ao abordar o critério corporal.

Ainda com base no estudo de Sacramento sobre a identidade pessoal, Locke destaca, em referencia ao ser vivo que, “a sua identidade não depende de uma massa das mesmas partículas, mas de outra coisa qualquer, visto que nelas a variação de grandes quantidades de massa não modifica a sua identidade”<sup>5</sup> (LOCKE *apud* SACRAMENTO, s.d., PÁG 03)

Dessa maneira, entende-se que os aspectos físicos não definem, por si só, a subjetividade da pessoa. O que para Viana (2010, p. 270) pode ser tratado como continuação de algo interrompido,

A continuidade não requer a mesmidade, e, sendo assim, se a continuidade funcionar como um critério, será preciso entender o termo “critério” de uma maneira diferente. Assim sendo, na perspectiva da continuidade, o problema da Identidade pessoal e continuidade identidade pessoal sofre uma mudança de enfoque: como o problema não é mais explicar “o que” permanece, mas sim “como” permanece, então não se tratará mais do problema da mesmidade, mas sim do problema da unidade, isto é, o

<sup>5</sup>*Op. cit.*, I, cap.XXVII, §4, p.436.

problema de explicar como tantos elementos distintos podem compor uma única realidade

Sobre isso, firma as vivências de Solomon durante os doze anos como escravo, longe de tudo o que lhe servia de referência para ser humano, separado da família e do que a liberdade outrora o permitia. Desde que fora sequestrado, a referência à liberdade só lhe foi permitida em suas lembranças.

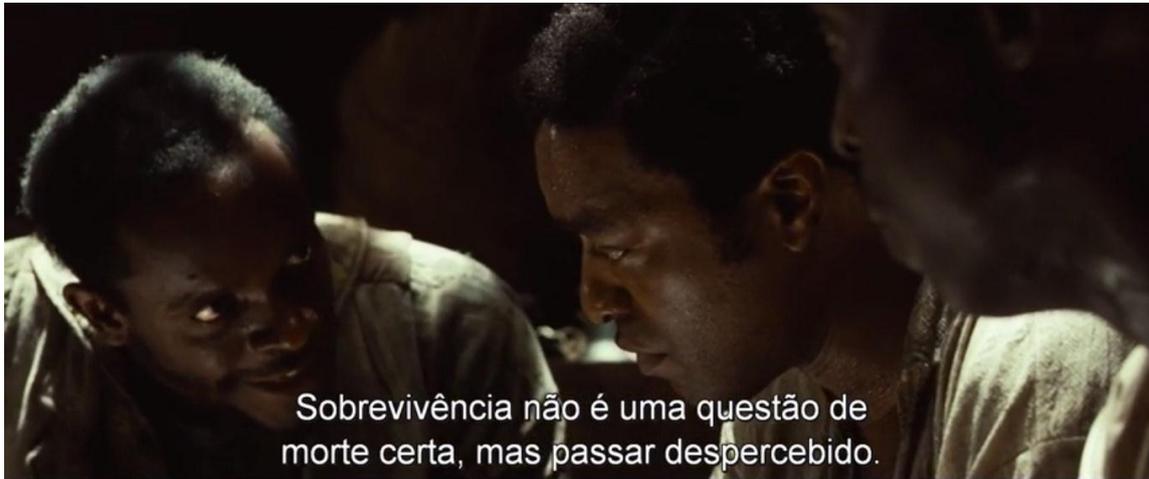


Figura 4 print da cena do filme: 22 min 35s

Sobre a capacidade de manter viva as lembranças que tornam a pessoa singular, Costa (1998) descreve:

Sei que sou uma pessoa, devido à consciência que tenho de mim mesmo; essa consciência é capaz de abranger de forma imediata todo o passado de que sou capaz de me recordar, fazendo com que eu o reconheça como pertencente à minha pessoa. Assim, eu sei que a minha pessoa atual e a pessoa que eu era quando criança são uma pessoa porque eu sou capaz de lembrar-me de mim mesmo enquanto criança, de minhas experiências e ações naquela época, sendo-me possível reconhecer uma sequência contínua de elos mnêmicos a ligar aquela fase de minha vida e outras posteriores, até chegar à minha experiência consciente atual.

A maior punição foi aplicada por ele mesmo ao negar suas origens porque estava vivendo como escravo numa época e num local onde ao negro só era possível servir. Não poder falar de si mesmo e assim, nunca testemunhar que a liberdade existe nesse mundo. Conviver com seus dramas e suas dores sem jamais confiar nas pessoas que dividiram consigo o peso de existir para garantir a riqueza de homens que os viam como animais.

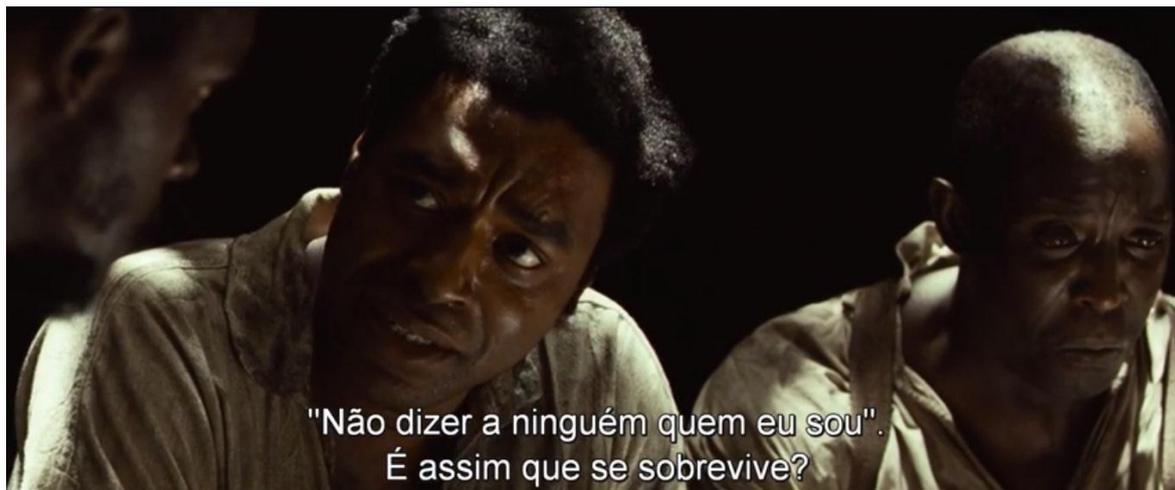


Figura 5 print da cena do filme: 22 min 54 s

Após o sequestro, Solomon foi instruído a esquecer o passado – esquecer que era um cidadão livre, ou, pelo menos não se expor como tal. Para Sacramento (s/d.):

Em última instância dizer eu sou é dizer que sou uma pessoa particular e que me distingo dos outros seres ou pessoas não só pelas minhas qualidades corporais mas também pelas diferentes experiências físicas e subjectivas que cada um de nós vive e que são pertença única e exclusiva de cada ser.

Contudo, faz-se necessário mencionar também que o maior desafio de Solomon Northup foi não se perder – não ofuscar a seus traços psicológicos ao ponto não mais almejar a liberdade que era sua por direito e, acima de tudo, não cair no esquecimento profundo em função dos traumas. Viana (2010, p. 272) classifica como continuidade psicológica.

São chamadas de critérios de continuidade psicológica todas aquelas propostas segundo as quais as pessoas permanecem as mesmas ao longo do tempo porque existe uma continuidade dos seus aspectos psicológicos, tais como crenças, desejos, gostos, lembranças, caráter, valores, hábitos, inclinações, disposições, etc. Tal como o outro tipo de continuidade, aqui também as características manifestadas não precisam ser exatamente as mesmas ao longo da vida, porém deve haver um vínculo entre todas essas manifestações, unindo as características psicológicas de ontem, de hoje e de amanhã de tal forma que possamos afirmar que elas pertencem à mesma pessoa.

No final do filme, na cena do reencontro com sua família, Solomon diz: “em primeiro lugar quero pedir desculpas pela minha aparência” isso afirma que toda a sua carga cognitiva não fora desfigurada. Porque apesar de ter sido escravizado fisicamente a sua mente continuou livre.

Tudo o que o negro poderia saber é que nascera para servir. Ele não sabia, melhor, não poderia demonstrar que sabia que ele era, também, ser humano. A questão da

identidade só poderia ser afirmada pelos homens brancos/livres. Dizer “eu sou” naquele contexto tinha um significado mais profundo que simplesmente a expressão por si só.

Para Costa (2002) a identidade pessoal pode ser percebida a partir de dois critérios: (1) físicos/corporais “as teorias físicas sugerem que o critério pelo qual dizemos que uma pessoa permanece a mesma é algo físico, como a continuidade de um mesmo corpo ou de um mesmo cérebro” e (2) mentais/psicológicos,

Já as teorias mentais sugerem que o critério pelo qual dizemos que uma pessoa permanece a mesma é algo mental, por exemplo, a permanência de suas memórias pessoais, de seus conhecimentos e crenças básicas, de seus traços psicológicos de personalidade e caráter, de suas intenções, desejos, etc. (COSTA, 2002, p. 2)

Para aplicá-los é importante destacar quatro pontos do filme e então compreendermos a relação entre a agressão físico-psicológica e o martírio e redenção da identidade de Solomon Northup.

- 1- Quando Solomon está no barco ele é informado que, caso insista em afirmar que é livre, logo perderá a vida. Essa parte justifica os espancamentos sofridos no início do sequestro/filme todas as vezes que ele dizia ser livre.
- 2- Ao término da viagem, já fora do navio, Solomon passou a atender pelo nome de Platt. Nessa cena nos remota a cena inicial em que Solomon está com sua família em um armazém e é abordado por outra pessoa que o confunde, Platt era um escravo que havia fugido.

Esses dois pontos na explicação de Costa (2002) podem ser atribuídos ao primeiro critério – físico/corporal o que ele chama de “continuidade física substantiva. O conceito [...] pode ser definido como o caráter contínuo da localização ou da mudança de localização de um objeto físico em momentos temporais subsequentes [...]” (COSTA, 2002, p. 06), explica.

Costa (2002, p. 08) continua a explicar que:

O fator da continuidade física substantiva não ser sempre necessária à identidade pessoal não significa que nenhum tipo de critério físico seja necessário, pois não sendo a continuidade física substantiva satisfeita é preciso que seja ao menos satisfeito o que chamarei de continuidade, ou, melhor dizendo, conexão física causal. Defino a conexão física causal como uma relação causal entre objetos físicos em momentos subsequentes.

- 3- Platt/Solomon acredita que com os seus conhecimentos sobre engenharia e sua lealdade ao seu senhor William Ford contribuiria para com o seu reencontro com a liberdade. Mas, após quase ter sido enforcado, Platt/Solomon revela a Ford que é um

homem livre, porém é severamente repreendido e vendido para outro fazendeiro, como garantia de permanecer vivo.

- 4- Na fazenda do Sr. Epps, Platt/Solomon escreve uma carta para enviar a sua família, porém, o seu plano é revelado ao Sr. Epps que o repreende, fazendo com que ele queime a carta.

Sobre a capacidade de não se perder em meio às adversidades decorrentes da realidade sobre ele imposta, Damásio (2010, p. 28) descreve,

Uma mente que não seja testemunhada por um eu protagonista não deixa de ser uma mente. No entanto, uma vez que o eu é a nossa única forma natural de apreender a mente, estamos inteiramente dependentes da presença, capacidade e limites do eu. Tendo em conta esta dependência sistemática, torna-se extremamente difícil imaginar de forma independente a natureza do processo mental, embora, a partir de uma perspectiva evolutiva, seja bem claro que os processos mentais simples antecedem os processos do eu. O eu permite o vislumbre da mente, mas produz uma visão enevoada. Os aspectos do eu que nos permitem formular interpretações quanto à nossa existência e quanto ao universo continuam a evoluir, com toda a certeza ao nível cultural, e provavelmente também a nível biológico.

O desafio maior de Solomon foi assumir o nome e a vida de Platt, sem suplantar a personalidade e identidade de Northup. Enfrentar as adversidades da realidade a qual fora submetido e poder contar apenas com a esperança de voltar a ser quem ele era. Com seus costumes, crenças, ideologias, seu regresso ao seio da família. Estar em um meio e não se permitir fazer/ser parte dele como forma de não corromper a sua integridade psicoemocional.

### **Considerações**

Diante da narrativa do drama vivenciado Solomon Northup, compreende-se que a necessidade de sequestrar a sua identidade foi fundamental para sobreviver a 12 anos de escravidão. O seu retorno a liberdade é fruto de cada dia de trabalho árduo vencido. Das resistências às chicoteadas. De cada lágrima que transbordou as lembranças e a saudade dos filhos e esposa que, naquele contexto, só ele sabia que existia e o quão significavam para sua vida. A esperança de resgate foi maior que a sua dor.

As reações do ser humano, frente às várias situações que enfrentam seus limites físicos e psicológicos, são diversas. No caso de Northup, a preservação da identidade pessoal por 12 anos de servidão, desperta algumas perguntas entre elas: até quando ele suportaria o exílio da liberdade e os castigos por ser escravo?

É notório que os objetos da memória de Solomon Northup lhe serviram de fundamento para preservar a sua identidade. Pois, em meio a uma realidade contrária a sua origem, ele foi capaz de ser outra pessoa sem perder a sua identificação psicológica.

A sua identidade permanece intacta durante o período de servidão apesar de lhe roubarem o direito eminente de ser um homem livre, embora pertencente a uma sociedade na qual predominasse a escravidão para os negros.

Ele foi forçado a viver para servir, de forma desumana, outro humano. Platt foi um escudo para Solomon. Mesmo sofrendo os castigos que seriam direcionados à Platt, Northup resistiu às crueldades oriundas de outro homem. No entanto, as suas experiências, como escravo – no sul dos Estados Unidos, não suplantaram as antigas, de homem livre no norte do mesmo País.

Conviver com os próprios medos e anseios – sem saber em quem confiar – foi o seu maior desafio durante 12 anos e o que lhe permitiu o regresso a liberdade. Muitos cidadãos negros norte americanos que passaram pela mesma situação que Northup não sobreviveram para o reencontro com a vida livre.

Em suma, a sua vida cotidiana, de homem livre, lhe fora restringida de forma brutal, porém, a memória permaneceu livre, embora ameaçada pelas circunstâncias externas. Partes da sua vida foram interrompidas. De volta à liberdade, Solomon dedicou seus dias em prol da erradicação do sistema escravocrata no qual estavam submersos aqueles com quem convivera – que nasceram escravizados, ou, que, assim como ele foram obrigados a sê-lo.

## Referências

BURD, Rafael. **Blog:** História é Vida. Disponível em: <<http://historiaeavida.blogspot.com.br/2012/04/os-bons-os-maus-e-guerra-de-secessao.html>> Acesso em 30 Jun. 2014.

CANBY, Vicent. **Coluna New York Times Review.** Disponível em: <<http://www.nytimes.com/movie/review?res=9E0CEFD8173CF93BA25752C1A964958260>> acesso em 30 de Jun. 2014.

DAMÁSIO, António. **O livro da consciência:** a construção do cérebro consciente. 1 ed. s.l. Temas e Debates, 2010. Disponível em: <<http://www.cienciahoje.pt/files/45/45212.pdf>>. Acesso em 10 Jul. 2014.

FERREIRA, Claudio. **Identidade Pessoal e memória.** Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/viewFile/10125/5566>> acesso em 18 de Jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Limites da Identidade pessoal.** Disponível em <file:///C:/Users/Mary/Downloads/Dialnet-LimiteDaIdentidadePessoal-2564764.pdf> acesso em 18 de Jun. 2014.

NORTHUP, Solomon. **Doze anos de Escravidão.** Tradução de Caroline Chang – 1 ed. – São Paulo : Pinguim Classics Companhia das Letras, 2014.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica:** determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem fotográfica. Brasília – DF, 2011 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/9228>>. Acesso em 10 Jul. 2014.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SACRAMENTO, Carlos. **John Locke e a problemática da identidade pessoal:** do impacto na Modernidade até à sua actualidade na Contemporaneidade. Lisboa-PT, s.d. Disponível em: <[http://www.adelintorres.com/filosofia/Carlos%20Sacramento-john\\_locke\\_e\\_a\\_problemativa\\_da\\_identidade\\_pessoal.pdf](http://www.adelintorres.com/filosofia/Carlos%20Sacramento-john_locke_e_a_problemativa_da_identidade_pessoal.pdf)> . Acesso em 22 Jun. 2014.

VIANA, Cristina Amaro. **Identidade Pessoal e Continuidade.** 2010. Disponível em <[http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/19\\_CristinaAmaroViana.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/19_CristinaAmaroViana.pdf)> Acesso em 18 Jun. 2014.